

Taiamã, Terra das Onças

Categories : [Adriano Gambarini](#)

Nesta semana, Adriano Gambarini acompanha a expedição à Estação Ecológica de Taiamã, no Mato Grosso. Ele conta aqui o dia-a-dia dos pesquisadores e o monitoramento das onças pintadas.

DIA 02

A madrugada novamente foi nossa companheira de trabalho. Como a Esec Taiamã é uma ilha, logo cedo navegamos pelo Rio Paraguai em busca de lugares para instalar os laços; esta metodologia de captura requer um cuidado extremo, pois os lugares escolhidos devem ter condições específicas. Buscamos os chamados ‘trilheiros’, caminhos no mato onde é possível encontrar vestígios de que as onças caminham com freqüência. Além disso, a área deve ser relativamente limpa de arvores e galhos, porque no momento em que a onça é capturada pelo laço, normalmente ela tenta a todo custo escapar, e qualquer árvore ou galho em que ela possa se apoiar para tracionar, contra a resistência do laço, pode ser um fator contra nossos propósitos. Frederico Gemésio e Rogério Cunha ficaram responsáveis pela instalação dos laços, contando ainda com a ajuda imprescindível de Daniel Kantek e Selma Onuma, analistas ambientais da Esec Taiamã e parceiros do Cenap nesta campanha.

Só um ‘parenteses’ de angústia de campo, e aqueles que realmente se embrenham neste mundão sem fim sabe do que estou falando: nunca entendi para que servem as mutucas...é insano o convívio com estes insetos, que insistem em conhecer nossos braços, pescoços e rostos tão de perto, ‘beijando-os’ compulsivamente! Eta bichinho insaciável!

Em resumo, o trabalho consiste em enfiar 4 longos vergalhões de ferro no solo, que prendem o cabo de aço e o “gatilho” que ativa o laço. A instalação dos aparatos não é de todo complicado, e sim camuflar o ambiente. Convenhamos que as onças são animais ‘velhacos’, do contrario não

seriam o maior predador de nossas terras brasiliis. Qualquer mínimo cheiro diferente ou mudança no ambiente podem ser suficientes para ela mudar sua rotina e seus caminhos. Os pesquisadores que trabalham com esta técnica de captura contam experiências em que a onça simplesmente pula o laço, deixando rastros antes e depois da armadilha...rastros de frustração, devo acrescentar.

Os laços serão checados a cada seis horas, com a contenção da ansiedade que começa a dominar a equipe. Finalizo este texto à meia noite de quarta-feira, com uma triste notícia: o fogo que fotografei ontem invadiu as terras desta Unidade de Conservação, numa triste realidade brasileira. Me pergunto, pra que botar fogo na própria terra, e pior, compartilhar com vizinhos que não querem aquele fogo? Infelizmente, estas pessoas que usufruem desta infeliz cultura das queimadas, certamente não buscam conhecimento em sites como **((o))eco**.

Clique nas imagens para ampliá-las